

Nazis, Contras, Jihadistas.

Sobre o Desenvolvimento da Doutrina de Guerra Especial dos EUA e da OTAN

Por Dr. Nikolaus Brauns

A guerra especial é um conceito que foi desenvolvido pelos EUA e pela aliança militar da NATO, dominada por Washington após a Segunda Guerra Mundial, face à Guerra Fria e à descolonização. O objectivo era combater a guerrilha socialista e os movimentos de libertação nacional, desestabilizar os governos anti-imperialistas progressistas e impedir uma maior disseminação da influência comunista.

Tecnicamente, trata-se de uma guerra não convencional - por oposição a guerras convencionais, que são travadas entre exércitos regulares de estados-nação.

Num manual para as forças especiais do Exército dos EUA em 2008 é escrito a respeito desta "operações conduzidas por, com, ou através de forças irregulares em apoio a um movimento de resistência, insurreição, ou operações militares convencionais" ¹.

Usado pelos militares dos EUA e da OTAN desde os anos 60, o termo

A contrainsurgência tem sido amplamente utilizada como sinónimo de guerra especial.

Significa isto uma "mistura de esforços civis e militares abrangentes destinados a conter a insurreição enquanto se aborda as suas raízes" ².

"corações e mentes" da população para isolar os insurrectos.

A guerra especial consiste, portanto, numa combinação de meios militares e políticos, incluindo uma forte componente psicológica. O elemento central, no entanto, é a violência em múltiplos formulários. "Desde a Segunda Guerra Mundial, assassinatos, sabotagem, rapto, tortura, a derrubada de

governos estrangeiros, e outras actividades terroristas, formaram um orgânico componente da nossa política de defesa nacional. Isto tem sido apresentado repetidamente como uma

necessidade de combater as insurreições comunistas e mais recentemente o terrorismo - como única resposta eficaz à barbárie atribuída ou projectada sobre os nossos inimigos, se são os sandinistas ou a OLP" ³ Michael McClintock escreve no seu estudo publicado em 1992 sobre a Doutrina da Contra-insurreição dos Estados Unidos.

Os EUA aprenderam as tácticas e métodos da guerra não convencional com a sua própria experiência no apoio a movimentos partidários nos países ocupados pelos nazis e pelos países ocupados pelo Japão na Segunda Guerra Mundial, com as experiências dos seus aliados britânicos e franceses em guerras coloniais como na Argélia - e especialmente com as experiências dos seus antigos adversários fascistas! "A doutrina de guerra especial americana recorre significativamente aos métodos da 'Wehrmacht' e das SS em aterrorizando a população civil e, talvez mais importante, envolvendo as facções locais no combate à resistência partidária," ⁴ de acordo com Michael McClintock.

Antigos oficiais da "Wehrmacht" e da "Waffen-SS" nazi que entraram ao serviço americano após a guerra, que tinham eles próprios participado em tiroteios em massa de civis e destruição de aldeias como parte da luta contra os partidários na União Soviética, Itália e Balcãs, participaram assim na elaboração de manuais militares norte-americanos, nos quais métodos terroristas, desde a tomada de reféns até aos assassinatos selectivos, foram propagados para contra-insurgência e guerrilha. .

A infra-estrutura para a guerra especial já tinha sido criada em 1952 com a abertura do Centro de Guerra Psicológica em Fort Bragg, Carolina do Norte, que mais tarde foi nomeado o

Centro Especial de Guerra. Até hoje, Fort Bragg continua a ser o centro de treino central das forças especiais dos Estados Unidos, dos seus parceiros da OTAN e de outros aliados. A partir dos anos 60, foram estabelecidos centros de treino nos EUA e também nas Filipinas, Japão (Okinawa), Panamá e Alemanha, nos quais os militares americanos e a CIA treinaram parceiros estrangeiros em contrainsurgência. Infame como "escola de tortura" foi em particular a "Escola do Exército dos EUA das Américas", inaugurada em 1963 em Fort Gulick, no Canal do Panamá. Até 1984, instrutores americanos treinaram 45.000 oficiais latino-americanos e oficiais de inteligência de 23 países em técnicas de contrainsurgência. Entre os graduados desta "escola de ditadores e torturadores" contam-se generais golpistas como Augusto Pinochet no Chile, ditadores como o governante do Panamá Manuel Noriega, e líderes de esquadrões da morte, como o General Roberto D'Aubuisson de El Salvador, cujo assassino assassinou o Arcebispo Oscar Romero.

A sua guerra especial mais longa lançou os Estados Unidos contra Cuba em 1960. Ataques direccionados

sobre o líder revolucionário Fidel Castro, assassinatos de professores durante a campanha de alfabetização, ataques terroristas a aviões e navios civis, e sabotagem económica foram elementos de uma guerra de baixa intensidade coordenada pela CIA, que nos seus primeiros anos já tinha custado 3400 vidas cubanas. No entanto, uma invasão mercenária da Baía dos Porcos, apoiada pelos EUA, faliu em Abril de 1961 devido à rápida mobilização das forças armadas revolucionárias, por um lado, mas também devido à falta de apoio da população cubana à invasão levada a cabo pelos antigos torturadores, grandes proprietários de terras e bandos mafiosos. Nas últimas décadas, os Estados Unidos utilizaram especialmente o bloqueio económico da ilha, combinado com o apoio financeiro aos círculos contra-revolucionários marginais em Cuba e às forças contra-cubanas de direita nos EUA e uma guerra de propaganda maciça, por exemplo, com a Radio Marti, que transmite de Miami para Cuba.

O facto de Cuba manter até hoje o seu rumo socialista e anti-imperialista mostra ao mesmo tempo as limitações da eficácia estratégica de uma guerra especial contra uma guerra politicamente iluminada, uma população consciente e organizada sob uma liderança revolucionária.

O desenvolvimento efectivo da doutrina especial de guerra começou no início da década de 1960, sob

Presidente dos E.U.A. John F. Kennedy. O conselheiro militar especial de Kennedy, General Maxwell

Taylor, mais tarde desenvolveu um conceito estratégico como chefe do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos

para uma "guerra especial", antes de ser enviado como embaixador dos EUA em Saigão, em 1964, para pôr isto em prática no Vietname. Taylor distinguiu três formas de guerra, para as quais os EUA tiveram de se preparar: a guerra mundial nuclear, as guerras limitadas e locais, e as guerras especiais. A especificidade das guerras especiais era que os EUA, como verdadeiro agressor, não empregavam as suas próprias unidades de combate, mas utilizavam forças nativas tanto para apoiar regimes aliados em operações de contrainsurgência como para derrubar regimes opostos com conselheiros e material dos EUA.

Isto foi para poupar custos e manter baixo o preço do sangue do Exército dos EUA para evitar a oposição política ao envolvimento na guerra em casa. Também se pretendia evitar um confronto directo entre as forças da OTAN e do Pacto de Varsóvia com um potencial incalculável de escalada. E finalmente, era também uma questão de encobrir o aparecimento de interferência estrangeira através do uso de forças nativas para criar legitimidade para os agressores aos olhos da população local. A "guerra especial" é assim apenas a expressão militar do neocolonialismo - tal como o Corpo Expedicionário foi a expressão militar do colonialismo clássico. Enquanto este último, porém, se baseava em parte nas próprias forças armadas das potências coloniais em combinação com soldados

coloniais recrutados e forças de intervenção como a Legião Estrangeira francesa, os americanos na "guerra especial" fornecem as armas e os dólares, os aviões e os pilotos, o comando estratégico e tático - incluindo oficiais "consultivos" até ao nível da companhia - com efeito, tudo excepto a "forragem para armas", escreveu o jornalista australiano Wilfred G. Burchett, que tinha viajado para o Vietname em 1963 para relatar, integrado na Frente Nacional de Libertação "do outro lado" sobre este primeiro grande teste de campo para o Conceito de Guerra Especial de Taylor.

Guerra Especial na Indochina

Desde 1961, as forças especiais dos EUA já vinham conduzindo operações secretas de sabotagem e assassinato contra a Frente Nacional para a Libertação do Vietname do Sul (NFB) em Vietname do Sul, no território da República Democrática do Vietname, e nos países vizinhos Laos. No entanto, a contribuição decisiva na luta contra a guerrilha, segundo uma comissão liderada pelo General Taylor e pelo economista Walt Whitman Rostow, deveria ter sido executada pelas tropas do regime vassalo vietnamita do Sul sob o regime de Ngo Dinh em Saigão. Para isso, os EUA enviaram dezenas de milhares de conselheiros militares para o Vietname do Sul. A CIA começou em finais de 1961 a recrutar membros das tribos das colinas na província de Darlac, no Vietname do Sul, nos chamados grupos de autodefesa para lutar contra a Frente de Libertação e forneceu amplos recursos para construir forças especiais contra-revolucionárias sob o comando do irmão de Diem, Ngo Dinh

Nhu. Estas unidades conduziram, juntamente com a polícia secreta de Saigão, acções subversivas para desacreditar a Frente de Libertação, perseguindo os seus alegados apoiantes e interrogando-os, torturando-os e assassinando-os. A missão Taylor-Rostow também reconheceu a componente psicológica de uma guerra de contra-guerrilha bem sucedida. Para expandir a base social do regime Diem, que governou como uma ditadura familiar, a comissão apelou a um programa de reformas sociais limitadas, tais como o cancelamento de partes das dívidas dos camponeses e a melhoria da escolaridade e dos cuidados médicos no campo. Para cortar os laços com a guerrilha, o governo em Saigão em Agosto de 1962, com base num "Conceito Estratégico para o Conselho de Segurança Nacional dos EUA, ordenou o reassentamento da população rural nas chamadas aldeias estratégicas. Conselheiros militares dos EUA, pessoal da CIA e representantes das organizações civis de ajuda externa dos EUA tinham a autoridade para controlar as deslocações forçadas. Em Outubro de 1963, 8,7 milhões de vietnamitas já tinham sido realojados em mais de 7200 assentamentos deste tipo assegurados com arame farpado e minas, de modo que o regime de Saigão já se gabava de que "todas as medidas tomadas pelo inimigo da nação tinham sido bloqueadas e os elementos essenciais da sua organização tinham sido abalados".

Mas os camponeses, violentamente forçados a entrar nas "vilas estratégicas", colocaram uma resistência cada vez mais feroz. Apoiados pela guerrilha, eclodiram revoltas em numerosas aldeias contra os soldados de Saigão, que agiam como se fossem "protectores". O Exército de Saigão, apoiado pelos helicópteros americanos, provou ser incapaz de pacificar militarmente mesmo uma das principais regiões contra a guerrilha flexível que, na sua maioria, mantinha a iniciativa. Além disso, o regime com a sua característica de classe mostrou-se incapaz de implementar mesmo um programa mínimo de reforma social. Enquanto os protestos nas cidades aumentavam, o número de desertores do exército de Saigão aumentava acentuadamente, e em muitos lugares as Forças Especiais contra-revolucionárias dissolviam-se. "As forças imperialistas não admitiam de modo algum que o fracasso do seu conceito contra-revolucionário seguia o mesmo padrão que o fortalecimento da NFB como organização poderosa, que se orientava consistentemente para o desenvolvimento da luta revolucionária. Não queriam admitir que a NFB era capaz de enfrentar um adversário materialmente muito superior tecnicamente também porque o seu programa encontrou repetidamente o amplo apoio da população vietnamita", afirma um estudo publicado pela editora militar da RDA sobre o fracasso da Guerra Especial dos EUA como Opção Estratégica na Indochina.²

Com o sucessor de Kennedy, Lyndon B. Johnson, os EUA iniciaram a "guerra limitada localmente" com a expansão da guerra através de ataques aéreos em larga escala na República Democrática do Vietname e finalmente o destacamento maciço de soldados norte-americanos. O elevado preço do sangue que os recrutas americanos tiveram de pagar foi uma das principais razões para o surgimento de um amplo movimento anti-guerra nos EUA, que juntamente com a resistência sacrificial do povo vietnamita forçou os EUA a retirarem-se do Vietname em 1973. Após este fracasso temporário da guerra especial como estratégia, só encontrou o seu renascimento nos anos 80, sob a presidência do Presidente Ronald Reagan. Nomeadamente a brutal contra guerra contra a Nicarágua sandinista, a sangrenta campanha de contrainsurgência contra a guerrilha de esquerda em El Salvador, e o apoio dos EUA aos mujahedines islâmicos no Afeganistão após a invasão soviética.

Gladio e a Estratégia da Tensão

A guerra especial não desapareceu completamente de cena na segunda metade da década de 1970. Tinha-se deslocado apenas para dentro dos próprios Estados da OTAN. Especialmente em Itália e na Turquia, tornou-se activo um exército sombra secreto da NATO, que após a sua exposição se tornou conhecido sob o nome do seu ramo italiano, Gladio. Nos países europeus da OTAN, incluindo a Turquia, bem como em alguns países neutros como a Suécia, Finlândia, Áustria e Suíça, as forças armadas secretas existem desde finais dos anos 40 como grupos armados clandestinos de uma rede de apoio. A sua tarefa "oficial" era a de enfrentar a resistência em caso de invasão soviética nos países ocupados. Esta força, cuja administração era o Comité Clandestino Aliado (ACC, também Comité de Coordenação Aliado), como departamento de guerra encoberta da OTAN e o Comité de Planeamento Clandestino na Sede Suprema das Potências Aliadas na Europa (Shape) em Bruxelas, foi construída com base em acordos secretos aquando da adesão à OTAN. A existência do Gladio, financiado a partir dos orçamentos-sombra dos serviços secretos, foi ocultada aos parlamentos dos Estados membros. Estes paramilitares, treinados pelas forças especiais americanas e unidades britânicas da SAS, foram recrutados de forças estritamente anticomunistas, incluindo antigos membros das "Waffen SS" na Alemanha e fascistas Mussolini em Itália, bem como os Lobos Cinzentos na Turquia. Os estrategas da OTAN estavam preocupados com os fortes partidos comunistas e socialistas em alguns países europeus. Em particular, no caso de uma vitória eleitoral para a esquerda em Itália, temia-se que a NATO fosse enfraquecida a partir do interior. Ali, nos anos 70, Gladio mudou para uma "estratégia de tensão". Os ataques terroristas destinavam-se a desacreditar os partidos de esquerda e a assustar a população, reforçando assim o apelo a um Estado forte e levando ao poder um governo autoritário de direita. Gladio raptou, torturou e assassinou pessoas, manipulou os meios de comunicação social e desintegrou grupos da oposição. O ataque mais sangrento teve lugar a 2 de Agosto de 1980 na estação de comboios de Bolonha, matando 84 pessoas. "Estes massacres foram organizados ou apoiados por pessoas em instituições do Estado italiano e por homens ligados aos serviços secretos americanos", declarou uma Comissão de Inquérito do Senado em Roma em 2000.

O maior número de vidas foi reivindicado pela estratégia de tensão na segunda metade da década de 1970 na Turquia. O Gladio já tinha sido fundado em 1953, um ano após a adesão da Turquia à NATO, como uma "organização anti-terrorista" e estava alojado no mesmo edifício da missão militar dos EUA. Em 1964, esta estrutura foi directamente incorporada sob o novo nome de "Gabinete de Guerra Especial" e colocada sob a supervisão do Estado-Maior General. As unidades operacionais conhecidas como Counter-Guerrilla recrutaram em grande parte das fileiras dos Lobos Cinzentos, a organização paramilitar da juventude do MHP. O seu líder, ex-Colonel Alparslan Türkeş, tinha ele próprio completado uma formação especial em guerra nos EUA nos anos 50. A cave para as actividades da Agência de Guerra Especial era uma ordem copiada literalmente de um manual americano sobre guerra não convencional, que comentava a formação de grupos que

operavam secretamente. As suas tarefas incluíam assassinatos, ataques, rusgas, tortura, raptos, sabotagem, e política de desinformação. Desde meados da década de 1970 até ao golpe de Estado de 12 de Setembro de 1980, cerca de 5.000 pessoas morreram - na sua maioria apoiantes de esquerda, sindicalistas, Alevitas e Curdos - em confrontos semelhantes aos da guerra civil. Com agressões, o massacre na Praça Taksim a 1 de Maio de 1977, o pogrom contra Alevitas em Maras em 1978, e os assassinatos selectivos, entre outros, do líder sindicalista socialista Kemal Türkler, a contra-guerrilha preparou o clima para o golpe de 12 de Setembro entre a população insegura. Os líderes deste golpe, que esmagaram sangrentamente o forte movimento de esquerda e trabalhadores e instalaram um regime de acumulação autoritário-neoliberal foi o chefe do Gabinete de Guerra Especial, General Evren, que mais tarde se nomeou Chefe de Estado. Enquanto com o fim da Guerra Fria as unidades Gladio nos países europeus foram desmanteladas, embora na maioria dos casos tenha sido impedida uma reavaliação pública, a contra-guerrilha permaneceu activa na Turquia. As forças irregulares deslocaram agora o seu campo de actividade principalmente para as partes curdas do país e, à luz da guerra suja, fundiram-se cada vez mais com a máfia.

A OTAN na Jihad

Entre alguns comentadores de espírito liberal nos meios de comunicação ocidentais, a cooperação demonstrável do exército turco da NATO com islamistas como o HTS da Al-Qaeda e mesmo o Estado islâmico (IS) na Síria e no Iraque tem causado irritação. Afinal, desde o 11 de Setembro de 2001, ataques nos EUA, a OTAN tem estado declaradamente empenhada numa "guerra contra o terrorismo" global. No entanto, a Turquia está a avançar na sua política de aliança com os jihadistas em pistas bem gastas. Para os EUA e a OTAN têm utilizado repetidamente as forças islamistas como auxiliares para alcançar os seus objectivos geopolíticos desde os anos 80. Em 1979, o Presidente dos EUA Jimmy Carter ordenou o apoio encoberto aos opositores islamistas do governo secular de esquerda no Afeganistão. O objectivo era provocar uma invasão soviética, para que "os russos caíssem na armadilha afegã" e "apanhassem a sua Guerra do Vietname", Zbigniew Brzezinski, o conselheiro do Presidente dos EUA em questões de segurança nacional, mais tarde admitido livremente. Sob o governo do sucessor de Carter, Ronald Reagan, o apoio aos mujahideen com armas e dinheiro, negociado pelos serviços secretos paquistaneses, tornou-se na maior operação secreta da história da CIA. Entre 1982 e 1992, cerca de 35.000 jihadistas de 40 países foram recrutados para a "jihad" contra a União Soviética. Em Wahabi madrasas/escolas islâmicas no Paquistão, que foram financiadas com dinheiro da Arábia Saudita, a doutrinação ideológica dos voluntários teve lugar em primeiro lugar, seguida pelo treino de guerrilha liderado pela CIA em campos de treino geridos pelos serviços secretos paquistaneses. Um recrutador bem sucedido de novos guerreiros/jihadistas santos foi o filho do rico empresário saudita Osama bin Laden. Com o gabinete de recrutamento para os mujahideen (MAK), a base operacional existia desde meados da década de 1980, a partir da qual a Al-Qaeda, liderada por Bin Laden, surgiu no início da década de 1990. "A Al-Qaeda, literalmente `a base de dados', era originalmente um ficheiro informático contendo os milhares de mujahideen recrutados e treinados com a ajuda da CIA para derrotar os russos", revelou a 7 de Julho de 2005, no Guardian, o antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico Robin Cook. O plano de Brzezinski funcionou. A guerra de dez anos no Hindu Kush contribuiu significativamente para o colapso do domínio soviético.

A partir de 1992, os combatentes islamistas afluíram do Afeganistão para a Jugoslávia, onde uma sangrenta guerra civil grassava. Mais uma vez, os interesses tácticos da NATO, que queria combater a Jugoslávia restante sob o Presidente sérvio Slobodan Milosevic até aos joelhos, coincidiram com os da Al-Qaeda. Com a aprovação do Presidente dos EUA Bill Clinton, cerca de 4.000 combatentes da Al-Qaeda foram armados e treinados pelo exército muçulmano bósnio, enquanto os caças da OTAN forneceram apoio aéreo às tropas de choque jihadistas. É claro que a Al-Qaeda nunca se viu a si própria como uma força mercenária da OTAN. Pelo contrário, os EUA foram vistos pelos

islamistas como o inimigo estratégico, o que não impediu alianças táticas como as do Afeganistão e da Bósnia. Após os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono a 11 de Setembro de 2001, as tropas da OTAN invadiram o Afeganistão.

Ali, com os Talibãs, os "discípulos" dos medres paquistaneses criados com o apoio saudita e da CIA nos anos 80 tinham entretanto tomado a autoridade. Enquanto a administração Obama continuava a escalar a sua guerra de drones contra a Al-Qaeda no Afeganistão e Paquistão, mais uma vez os jihadistas e a OTAN estavam ombro a ombro uns com os outros no Médio Oriente e Norte de África, a um nível tático. Por exemplo, os apoiantes líbios da al-Qaeda formaram os militares experientes ponta de lança na revolta contra o regime de Muammar al-Gaddafi em 2011. Os combatentes islamistas receberam apoio aéreo da OTAN. Também na Síria, os EUA e os seus aliados - especialmente a Turquia e os Estados do Golfo - não hesitaram em armar combatentes jihadistas para o derrube pretendido do regime do Presidente Bashar al-Assad. Por exemplo, no início de 2012, os serviços secretos do Pentágono (DIA) já descreviam "os Salafistas, os Irmãos Muçulmanos, e o AQI (al-Qaeda no Iraque)" como "principais motores da insurreição na Síria". O DIA assumiu a "possibilidade da criação de um califado salafista constituinte ou não oficialmente declarado na Síria Oriental". Que, disse, era "exactamente o que os apoiantes da oposição querem para isolar o regime sírio e conter a expansão xiita no Iraque pelo Irão", o DIA referiu-se à perspectiva estratégica para os objectivos geopolíticos do Ocidente, dos Estados do Golfo, e da Turquia. Quando o Estado Islâmico (IS) emergiu de um segmento da Al-Qaeda e proclamou o seu califado transfronteiriço e começou a ameaçar a segurança do mundo ocidental com ataques também em países europeus, os Estados Unidos lideraram uma coligação internacional anti-IS em 2014. Pois era agora uma questão de jihadistas que se tinham tornado incontroláveis. A luta contra as células adormecidas do SI ainda hoje é prosseguida pelas forças norte-americanas após o esmagamento do domínio territorial do SI como justificação para permanecer no norte da Síria.

Guerra suja no Curdistão

A Turquia provou ser um estudante modelo da doutrina especial de guerra dos EUA, desenhando ao mesmo tempo com base na sua própria experiência que remonta aos Jovens Turcos no Império Otomano. Nas regiões curdas do leste da Turquia, o exército já tinha conduzido uma guerra especial desde o início da luta armada pelos guerrilheiros do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) em meados da década de 1980. No processo, o exército dependia da destruição sistemática de cerca de 4.500 aldeias, a fim de isolar a guerrilha da população. Tirando partido das estruturas tribais feudais, o Estado recrutou e armou dezenas de milhares dos chamados guardas das aldeias, que muitas vezes se acumulam com guerreiros tribais afiliados a chefes de clã que apoiaram o partido no poder contra o PKK. Outro elemento da guerra especial foram as mortes por "perpetradores desconhecidos", que submeteram cerca de 17.000 civis curdos, incluindo políticos de partidos curdos legais como o HADEP e intelectuais como o escritor Musa Anter. Os esquadrões da morte do serviço secreto da Gendarmerie Jitem, que é ilegal mesmo sob a lei turca, foram recrutados a partir de criminosos libertados com ligações aos Lobos Cinzentos. Além disso, havia a organização terrorista curda-Sunni Hezbollah, que, sob a protecção do Estado, assassinou os supostamente infiéis apoiantes do movimento de libertação. Como elemento especial da guerra especial, as forças contra-guerrilha irregulares utilizaram a violência sexual sistemática contra as mulheres.

A guerra especial turca no Curdistão tem sido e está a ser travada com o apoio e a coordenação da OTAN. A Alemanha em particular não só fornece as armas para esta guerra suja, mas com a proibição do PKK está também a tentar cortar o apoio político e financeiro ao movimento de libertação entre a diáspora curda. Actualmente, a Turquia, que ocupa territórios no norte da Síria, está a travar a partir daí uma guerra de baixa intensidade contra a Administração

Autónoma do Norte e Leste da Síria. Os bombardeamentos de aldeias, os raptos de civis, os assassinatos de líderes tribais com o objectivo de colocar os vários componentes etno-religiosos da região uns contra os outros, a queima de culturas, e o bloqueio do abastecimento de água potável são todos elementos deste livro didáctico de guerra especial. Neste processo, a Turquia depende de um exército mercenário de jihadistas, incluindo antigos membros do SI, sob o comando do Serviço de Informações turco. Com os EUA a formar uma aliança táctica no norte da Síria com as Forças Democráticas Sírias (SDF) contra o SI, surgem, no máximo, diferenças tácticas. Para os aliados da NATO, o objectivo estratégico de destruir o movimento de libertação curdo, como motor da revolução no Médio Oriente, é um acordo. Ao mesmo tempo, parece ser apenas uma questão de tempo até que a OTAN utilize o exército mercenário islâmico islâmico turco, controlado por dez mil pessoas, incluindo numerosos Uyghurs e Caucasianos, para um novo guerra especial contra a China e a Rússia, como adversários estratégicos do Ocidente.